

À PRIMEIRA VISTA: CORPO, INTERSUBJETIVIDADE E HUMANIZAÇÃO EM OTTO LARA, *VISTA CANSADA*

Natalino Guilherme de Souza
Mestre em Teologia pela FAJE
E-mail: nadalsg@gmail.com

Rosana Araujo Viveiros
Mestra em teologia, pela FAJE
Professora de Teologia no Instituto São Boaventura, Brasília
E-mail: rosana.aviveiros@gmail.com

Resumo:

“O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem”. As experiências cotidianas com seus diversos conteúdos se coagulam num corpo que as produz, recebe e interpreta. O corpo se expressa. As formas e a velocidade dessa expressão mudaram excepcionalmente. O escopo desta comunicação é, a partir da crônica *Vista cansada* de Otto Lara, explicitar a dinâmica do ver e suas consequências para o corpo que fala e se expressa com os outros na história. Mostrar-se-á que a dimensão intersubjetiva esvaziada pelo congestionamento do ciberespaço afeta o processo de humanização. Daí a importância de elucidar o mistério da Encarnação, no qual Deus assume nossa carne num corpo, Jesus de Nazaré, ensinando-nos como ver e assumir o itinerário de nossa humanização.

Palavras-chave: Corpo; ver; humanização.

Introdução

O ser humano é, está e constrói história com os demais. Nos dias atuais, esta constatação já não parece tão evidente. Por quê? Porque as experiências cotidianas com seus diversos conteúdos se coagulam num corpo que as produz, recebe e interpreta. O corpo se expressa. Contudo, as formas e a velocidade dessa expressão mudaram excepcionalmente. A história, com seus padrões tradicionais de organização parece ter colapsado. Diante disso, nossos contemporâneos suspeitam que *“o hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem”*.

Uma pretensão organiza e norteia a elaboração deste artigo. Compaginar a crônica *Vista cansada*, do mineiro Otto Lara com as mudanças no terreno da corporeidade, a partir da perspectiva literário-teológica. Basta-nos, de momento, breve apresentação do autor da crônica. Otto de Oliveira Lara Resende nasceu em São João Del Rei, Minas Gerais. Tornou-se professor no Instituto fundado por seu pai, em São

João Del Rei que depois foi transferido para Belo Horizonte. Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Em Belo Horizonte inicia-se sua carreira literária, na qual dedicou intensamente sua vida ao refletir e entrelaçar a vida humana com tudo que a envolve. Entre a vida familiar e social, pode-se afirmar que ele foi um herdeiro engajado e um construtor da história.

No tocante à crônica deste autor, ele chama a nossa atenção para o modo como olhamos, mas não enxergamos as coisas, as pessoas, a vida e, até mesmo, nossos corpos. "Uma criança vê o que um adulto não vê [...]. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que de tão visto ninguém vê [...]. Nossos olhos se gastam no dia a dia, opacos". Suas afirmações nos autorizam a desenvolver o texto em três momentos. No primeiro, abordar o corpo como produto *da* história. Um corpo herdeiro. Em seguida, demonstrar que este corpo herdeiro também está inserido *na* história. E, por fim, evocar o corpo sujeito como construtor *da* história, à luz do mistério da Encarnação.

Descortina-se um horizonte que abre novos caminhos ao processo de humanização dos corpos e em direção ao qual precisamos caminhar.

1 O corpo como produto *da* história

Como produto da história, o corpo se inscreve em uma rede relacional familiar e social. Genealogia e sociedade permitem entender o corpo como fruto dos conflitos, contradições, associações e rupturas entre a história familiar e a história social que a atravessa e da qual faz parte. Neste sentido, o corpo é, de início, um *herdeiro* (cf. GAUDEJAC, 2014, p. 24-44). E é com a herança que recebe que dá continuidade à construção de sua biografia, de sua própria história. Nas palavras de Gaulejac, “o emprego que possui, os estudos que ‘escolhe’, a pessoa que desposa, a residência em que mora, o modo de vida que o caracteriza, as ideologias que defende etc. são o produto de sua experiência biográfica, que se inscreve na ‘sucessão’” (cf. GAUDEJAC, 2014, p. 31).

Com isso, o que afirmamos é que o corpo é mais do que a somatória de sua materialidade funcional ou mesmo a decifração de seu genoma. Ele pertence a uma história e evoca um “princípio genealógico”. Em sua obra, Guillebaud evoca o historiador do Direito, Pierre Legendre que vê na “genealogia, ou seja, a inscrição em uma história, a ancoragem em *fundamentos* e em processos normativos fixados pelo direito [...], é muito simplesmente aquilo que transforma em ser humano aquilo que permaneceria, na falta disso, uma ‘carne viva’” (GUILLEBAUD, 2008, p. 170). Vicent

de Gaulejac endossa essa posição quando sentencia: “quer rejeitemos quer aceitemos o nosso passado, ele cola à nossa pele, ele é nossa pele” (GAUDEJAC, 2014, p. 33).

Insistimos. O corpo é também produto da história que ele herda. Trata-se da relação que ele constrói com o que lhe é familiar, próximo, natural. Em sua crônica, Otto Lara acena para o influxo que o hábito tem sobre o nosso modo de ver as coisas. Ou melhor, de não vê-las mais. “O que nos cerca”, acrescenta ele, “o que nos é familiar, já não desperta curiosidade”. O hábito seria esta espécie de apropriação e naturalização de pensamentos e ações que respondem às necessidades concretas do contexto no qual o corpo está inserido. Neste sentido, como o hábito impacta o corpo e as relações que ele constrói? Em que sentido o corpo pode reagir à força modeladora do hábito e transformar a história da qual é produto?

1.1 Os corpos e a força do hábito

Quando afirma que “o hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem”, Otto Lara constata uma verdade desconcertante. O fato de que a história da qual o corpo é herdeiro o condiciona a partir de estruturas que ele reproduz continuamente. Assim, este mesmo corpo se depara com a necessidade de agir sobre si mesmo e de modificar algumas daquelas estruturas que, embora o condicionam, não o determinam. Neste mesmo tom afirma Gaulejac que “tomar consciência da maneira como suas ‘escolhas’ são condicionadas pela história pode levar o indivíduo a modificá-las, compreendendo em que medida ele foi, de algum modo, ‘obrigado’ a se conduzir assim” (GAUDEJAC, 2014, p. 34).

A força que o hábito exerce sobre os corpos não pode ser desconsiderada. Alçar simplesmente os ombros para este fato é não reconhecer devidamente os riscos que ele impõe às relações e ao processo de humanização dos corpos. É interditar estes últimos em sua possibilidade de futuro e de participação no tecido social, como um todo. É, em última análise, privá-los de se tornarem *sujeitos* e darem sentido à história e ao futuro. Essa constatação torna-se evidente no quase ‘desabafo’ de Derrida, citado por Guillebaud: “estou ligado às formas existentes ou herdadas da condição humana, do corpo do homem, daquilo que lhe é próximo, de sua relação com o político, com os sinais, com o livro, com o ser vivo, e ao mesmo tempo não quero dizer não a tudo aquilo que vem do futuro” (GUILLEBAUD, 2008, p. 372-373).

A “baixa voltagem” que o hábito produz pode ser revertida. O entendimento do corpo como *herdeiro* pode produzir uma distância de sua própria história. Pode ajudá-lo

a abandonar alguns hábitos e adquirir outros em função das relações que constrói. Relações que englobam a sua ‘herança’ com a de outros corpos para tecer as redes que articulam os âmbitos familiar e social e estabelecer estratégias de evolução de si e da sociedade. Para fazê-lo, no entanto, ao corpo exige-se que articule o que recebeu com o que deseja construir, em uma história da qual é produto e na qual deseja se tornar sujeito e humanizar-se.

Tornar-se sujeito e humanizar-se é um processo que acontece na tecitura da história, herdada e construída, com os outros, no mundo. É de forma abusiva que o sujeito e o seu processo de humanização estão sendo questionados – e até ameaçados pela nova parafernália tecnocientífica. O avanço da internet e do ciberespaço atingiu o coração da dimensão espaço-temporal das relações, transformando rapidamente as suas formas e os seus conteúdos. Seja como for, precisamos entender o impacto dessas mudanças e as consequências que elas trazem para a apreensão e compreensão do corpo. Corpo que, repetimos, só pode ser entendido *na história*, inexoravelmente.

2 O corpo presente *na história*

As abordagens sobre o corpo, sejam elas contemporâneas ou não, partem necessariamente de um *a priori* incontornável e iniludível: o fato de o corpo estar inserido *na história*. Qualquer perspectiva de análise do corpo será irremediavelmente submetida ao tribunal da história. Condenada ou absolvida por infidelidade ou não a ela. Mas isto não é tudo. Os corpos, como sabemos, não são o único produto da história. Ela articula também espaço e tempo. Elementos sobre os quais as mudanças atuais incidem de forma inusitada e desconcertante.

Ingredientes da história, espaço e tempo são impactados atualmente por transformações sem precedentes. De algum modo, ambos estão sendo demolidos e reconfigurados por espécie de *nivelamento semântico* frente a uma nova dimensão espaço-temporal que estende seus tentáculos em nível global: a *imediação virtual*. Ainda estamos perplexos e não sabemos nomear com precisão essas mudanças nem mesmo entender para onde elas nos levarão. E conosco, nossos corpos, obviamente. O terreno pantanoso sobre o qual caminhamos surge diante de nós como um *sexto continente* (GILLEBAUD, 2008, p. 38) a ser conquistado. Continente que, dia após dia, acolhe em suas terras ainda inexploradas o conjunto das atividades humanas.

Essa imediação virtual triunfa entre nossos contemporâneos e é alicerçada por uma espécie de rede global que conecta pessoas e máquinas por todo o mundo. Na

expressão de Manuel Castells, trata-se do entendimento de uma “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999). Não aprofundaremos aqui as diversas facetas de constituição e de desdobramento desta sociedade conectada. Interessa-nos, de momento, identificar e analisar os aspectos desta rede que incidem essencialmente sobre a compreensão do corpo humano e os riscos que impõem ao seu processo de humanização. Assim, na desfiguração do corpo de carne em favor de um corpo híbrido, desterritorializado pela rede, a balança se inclina a favor da geografia ‘encantadora’ deste novo continente. A expressão ‘encantadora’, aqui, não pode ser subestimada. Voltaremos a este ponto posteriormente.

2.1 Os corpos e o monstro da indiferença

Parece haver relação *causal* entre o *lugar* e o *sentido* que os corpos estão assumindo no ciberespaço com a afirmação de Otto Lara sobre o *monstro da indiferença*. Antes, porém, de analisar algumas destas causas, precisaremos um pouco melhor o que entendemos por ciberespaço. É do professor de ciências da informação e da comunicação da escola de engenharia francesa Télécom ParisTech, de quem tomamos a definição de ciberespaço que nos parece bastante ajustada. Trata-se, segundo ele, “de um dispositivo simbólico, espelho da Internet, expressão do ‘grande projeto utópico universal’ contemporâneo baseado na tecnologia” (MUSSO, 2006, p. 192).

O ciberespaço, traduzido nesse ‘grande projeto utópico universal’ de que nos fala Musso, reelabora e engendra uma simbólica religiosa (*religare!*). Alicerçado na tecnologia e sobretudo na Internet, ele assume função vinculatoria de pessoas, máquinas e lugares. Coagula um sem fim de ligações em redes que se estendem *ad infinitum*. Em outras palavras, ele seria esta imensa rede que conecta e articula outras redes menores (cf. MUSSO, 2006, p. 194). A expressão ‘encantadora’ citada mais acima ganha sentido nesse projeto utópico das redes interconectadas entre si pelo ciberespaço e abertas ao infinito. Surge daí uma pretensa e intransigente ideia de *religião de substituição*.

Mas, que relações existem entre o lugar e o sentido que os corpos estão assumindo no ciberespaço e a afirmação de Otto Lara sobre o *monstro da indiferença*? O que esta miríade de interconexões produzidas ininterruptamente no ciberespaço tem a ver com os corpos e que efeito produz sobre eles? Como território de conexões, o ciberespaço, em sua relação com os corpos, produz duas lógicas antagônicas. Por um lado, cria pretensa materialização do mundo virtual. Por outro, leva os corpos a se desenraizarem, desterritorializarem, desencarnarem, enfim. Ao conduzir os indivíduos

para seu território “sem história”, o ciberespaço parece apostar na demissão do corpo, incrementando um processo sem sujeito. Uma lógica exclui a outra.

Um corpo sem história, um processo sem sujeito. Ausências que, conviremos, colocam um grave problema. Opacado pelo brilho das telas, erigido como avatar sem identidade e diluído na indiferença das redes, o corpo fica à deriva no oceano das informações, no fluir das conexões. Ele sucumbe, como as demais realidades, ao poder ‘dissolvente’ do ciberespaço. Ele perde sua *carne* para tornar-se *informação*. Enquanto o ciberespaço coloca o corpo, pesado, rugoso e resistente sob suspeita, ele também o incita à fusão (*cyborg*) e à festa ciberespacial. Contudo, para esta ‘festa’, enquanto quase totalidade do corpo fica do lado ‘de fora’, o convidado de honra é o cérebro.

Otto Lara afirma que o *monstro da indiferença* aparece quando os nossos olhos, gastos pela rotina, já não enxergam. Ora, o corpo tornado informação nas redes e diluído no espaço-tempo sem história do ciberespaço, gera vazio e cansaço. Um corpo que não é mais carne, mas informação, já não pode ser tocado. O *vis-à-vis* exigido na relação é agora mediado pela frieza de uma tela e pela velocidade de um ‘*clic*’. Frieza e velocidade jamais foram ingredientes de relações humanizadoras. Elas deterioram as noções de autonomia e pertencimento, inviabilizando a emergência do sujeito, cujo corpo é o único que recebe, insere-se e constrói história, humanizando-se com os outros, no mundo.

Em que sentido a perspectiva cristã oferece resposta e resistência à doxa catequizante do ciberespaço? Sem exorcizá-la, como desvela os riscos que impõe à humanização dos corpos ao esvaziar o campo ético das relações no território das redes? É o que tentaremos mostrar a seguir.

3 O corpo como construtor da história

No poema da criação, ouvimos a bela afirmação sobre o modo como o Criador vê aquilo que Ele mesmo cria, “e Deus viu que era bom” (Gn 1). A forma como Deus olha o mundo traz o reflexo de seu amor que chega ao extremo, abaixa-se para assumir nossa natureza (Fl 2, 6), humaniza-se. Esse itinerário é o mistério da encarnação no qual auferimos o processo de nossa humanização. Se por um lado, como vimos, corremos o risco de baixar a voltagem de nosso campo de visão, é bem verdade que somos convidados, pelo Espírito, a coadunar as novidades criadas por nós para, ao modo do Criador, ampliar nosso campo de visão e vislumbrar o reinado de Deus na história. Porque Deus que nos criou, criou-nos capaz de.

O Filho, Verbo eterno do Pai, pelo Espírito, assume nossa carne num corpo, Jesus de Nazaré. Participa das vicissitudes humanas no tempo e no espaço da história. Como nós, é um herdeiro. Com Ele desvela-se o mistério humano (cf. GS 22) de um corpo que, com todos os sentidos, é convidado a viver em comunhão. Por isso, Jesus nos remete ao modo como ver e contemplar a criação quando nos convida a olhar os lírios do campo (cf. Mt 6,28). Não se trata de cruzar os braços, mas de acolher a história que nos precede, resignificá-la conforme o projeto salvífico, para construir uma história pautada no reinado de Deus. Tal história acolhe a novidade sem cair na indiferença, abre o campo de visão que instiga o ser humano a ver o que desumaniza para usar todos os recursos que possibilitem sua humanização.

Nessa perspectiva, o ciberespaço, se acolhido ao modo de ver divino, pode ser uma ocasião de termos olhos de poeta, de criança. Esta, vê o que não vemos. Aquele, vê à primeira vista o que todos olham, mas não enxergam. Não seria essa a afirmação que Jesus faz em Mt 13,13? Também quando nos convida a tornar-nos crianças para entrar na dinâmica do reinado de Deus (cf. Mt 18,1-5). Dinâmica que acontece em nosso corpo com tudo que nele podemos fazer, desde que não nos esqueçamos dos outros, dos corpos que ocupam este universo, no qual também estamos inseridos.

Em sua crônica, Otto Lara afirma que “nossos olhos se gastam” e ficam “opacos” o que permite que se instale “no coração o monstro da indiferença”. No entanto, em Jesus percebemos que o olhar de Deus não se gasta nem se ofusca ao ver a humanidade, pois nela Ele olha e vê sua imagem que embora, às vezes obscurecida pelo egoísmo, permanece latente. Somente corpos que constroem fraternidade expurgam o *monstro da indiferença*.

Deus não é indiferente ao ser humano, sobretudo aos que padecem no corpo de carne a doença da intolerância de alguns e a indiferença de tantos outros. O olhar de Deus não se deixa ofuscar pelos adereços que vamos colocando em nós, pois Ele vê o interior, o que nos constitui, ou seja, sua marca em nós. Somos à imagem e à semelhança do Criador (cf. Gn 1,26). Com isso, não queremos negar os recursos que o próprio ser humano conquistou com sua inteligência, dom de Deus, para dar-lhe uma vida melhor, possibilitar ao corpo uma estrutura que permita à sua carne viver com mais dignidade. Quando nosso olhar já não vê no outro a centelha divina que ele porta, quando nossa convivência gera mais desumanização que humanização, pelo monstro da indiferença, é preciso reorientar nosso olhar. E nossos corpos.

Purificar nosso modo de ver para enxergar à maneira do Criador, de modo que vislumbremos também, com assombro, a beleza do que vemos todos os dias, sem enxergar. Trata-se de vigiar para que nossa voltagem do olhar não baixe, mas se purifique. Isto, no entanto, é obra do Espírito em nós. Ele habita nossos corpos de carne e os transforma, ao modo de Deus, em corpos de humanidade.

À guisa de conclusão

Aquele horizonte de humanização de que falávamos no início deste texto, já é itinerário sobre o qual caminha nossos corpos. E, pelo que parece, não nos é permitido retroceder. O Deus de Jesus Cristo não cansa de olhar a humanidade e nela enxerga sempre uma possibilidade. Pois o outro é sempre alguém para Deus que merece atenção e cuidado. Por isso, a visão de Deus não cai na rotina como a nossa que, de tanto ver, não enxerga mais. “Banalizamos o olhar” como afirma Otto Lara. Ao contrário, o campo visual de Deus é sempre repleto de sua paixão. Por isso, o hábito de contemplar a humanidade não lhe “baixa a voltagem”, pois “há sempre o que ver”.

Nos dias de hoje temos muito o que ver. O ciberespaço com toda criatividade humana pode contribuir no processo de humanização desde que leve em conta que os corpos humanos são portadores de carne e que todos são frutos de uma história, estão inseridos na história e constroem história. E para que não se instale em nosso coração “o monstro da indiferença” é necessário levar em conta toda essa dimensão dos corpos que estão habitando este universo, esta casa comum.

O ser humano possui um corpo que tem história, ele mergulha no virtual, mas é portador de uma realidade carnal. Esta reclama pela autonomia e pela liberdade do sujeito na história. É interpelado pela intersubjetividade, como imperativo ético. E, é nesta dinâmica, sem abrir mão de tantas conquistas e descobertas, que somos convidados a humanizar nossos corpos, uns com os outros, na história.

Referências

- CASTELLS, M. *A Sociedade em rede*. 2. ed. v. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GAULEJAC, V. *A neurose de classe: Trajetória social e conflitos de identidade*. São Paulo: Via Lettera, 2014.
- GILLEBAUD, Jean Claude. *O princípio de humanidade*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACROIX, Xavier. *O corpo de carne: as dimensões ética, estética e espiritual do amor*. São Paulo: Loyola, 2009.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade Mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

VIVEIROS, Rosana Araujo. *A deificação do ser humano à luz do pensamento de Paul Evdokimov: aporte para uma antropologia cristã*. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/181213-4f4B7no365ZgY.pdf>>.

Acesso em: 11 de jul. 2017.